



Educação e Pesquisa

ISSN: 1517-9702

revedu@usp.br

Universidade de São Paulo

Brasil

Josso, Marie-Christine

As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras

Educação e Pesquisa, vol. 32, núm. 2, maio-agosto, 2006, pp. 373-383

Universidade de São Paulo

São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=29832212>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras*

Marie Christine Josso

Université de Genève

Resumo

O procedimento de histórias de vida, centrado na reconstrução das histórias de formação que praticamos há mais de vinte anos, alterna tempos de trabalho individual e tempos de trabalho em grupo articulados a uma leitura dos relatos com olhares cruzados. Nesse sentido, integra a criação de ligações consigo mesmo e com outros participantes. As *figuras de ligação* discutidas neste texto são apresentadas a partir da metáfora dos nós de marinheiro. A tentativa do uso dessa metáfora é dar a perceber que a ligação é, ao mesmo tempo, o que dá uma sustentação, que prende e que mantém uma relativa estabilidade, que permite o movimento em um perímetro definido, mas também o que impede sair desse perímetro, o que entrava, o que pode ficar machucando quando se tenta a liberdade sem consegui-la, o que se desfaz mais ou menos facilmente para encontrarmos a liberdade de movimento. O nó faz referência, ainda, à complexidade da ligação, reúne dois fios ou cordas a muitos outros fios. Há, portanto, nessa metáfora, também, o dois e o maior número. Não há ser humano que não esteja, religado, ligado, nem que seja simbolicamente como Robinson Crusoe. Daí a importância da temática da ligação na compreensão de nosso processo de formação e de conhecimento.

Palavras-chave

Dialética das relações – Processo de formação – Conhecimento de si – Memória.

Correspondência:
Marie-Christine Josso
8 rue des Pâquis
1201 – Genève - SUISSE
e-mail: josso.cris@bluewin.ch
marie-christine.josso@pse.unige.ch

* Tradução de Teresa Van Acker.

The connecting figures in the narratives of formation: formative, deformative and transformative connections*

Marie Christine Josso

Université de Genève

Abstract

Connecting figures are represented in this text by the metaphor of sailor knots. This metaphor tries to impart the feeling that the connection is, simultaneously, that which gives support, and that which binds and maintains a certain stability; that which allows the movement within a given perimeter, but also that which precludes leaving this perimeter; that which obstructs, which can make hurt when we go for freedom and fail, that which dissolves more or less easily when we find the freedom to move. The knots are also a reference to the complexity of the connection; they tie two threads or ropes to many threads, or to even more. There is also this metaphor of the two and of the larger number. There is not a human being who is not reconnected, connected, or who is someone like Robinson Crusoe; hence the importance of the theme of the connection in understanding the process of our formation and of our knowledge.

Keywords

Dialectics of relations – Processes of formation – Knowledge of self – Memory.

Contact:
Marie-Christine Josso
8 rue des Pâquis
1201 – Genève - SUISSE
e-mail: josso.cris@bluewin.ch
marie-christine.josso@pse.unige.ch

* Translated by Teresa Van Acker.

Preâmbulo

A temática do ‘ligar, religar, desligar’, que nos foi proposta no VIII Simpósio do Réseau Québécois pour la Pratique des Histoires de Vie em outubro de 2001, apresentava-se como uma temática entre muitas outras possíveis que permitem refletir sobre novas dimensões singulares e plurais de nossas vidas. Porém, a aparente banalidade do tema nas ciências do humano, introduzido, aliás, com muita modéstia por nossos colegas Céline Yelle e Jean Leahey escondia de fato ‘o’ tema fundador da própria existência dos procedimentos de histórias de vida que se desenvolveram há vinte anos. Efetivamente não é necessário ser grande especialista para compreender que haveria vida sem uma multiplicidade de ligações bio-psico-sociais e, ainda menos, história sem constituição de ligações entre acontecimentos materiais e psíquicos de nossas vidas em suas dimensões individuais e coletivas. De tal modo que, etimologicamente falando, não há grupo humano sem mitologia fundadora das ligações com o cosmos, ligações por sua vez fundadoras dos elos sociais. Afirmamos assim a importância da reflexão desse 8º simpósio que foi, aliás, maravilhosamente simbolizado na tradicional ‘memória do *réseau*’ na introdução da edição de 2002, pela tecelagem de uma enorme trama pronta para acolher os bastões dos peregrinos dos participantes do 9º simpósio.

Não é, portanto, tão fácil abraçar, em um artigo, um assunto tão vasto e tão determinante para a compreensão do que significa ‘vida’, ‘relato’, ‘história’, ‘história de vida’ e finalmente ‘procedimentos de histórias de vida’. Pistas serão aqui propostas, pistas nascidas de meus trabalhos de pesquisa a partir de uma metodologia de trabalho e de objetos de pesquisa (Josso, 2000; 2004) sobre os processos de formação e de conhecimentos conduzidos na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Genebra, mas também graças a inúmeras pesquisas realizadas em outros contextos profissionais com o procedimento das histórias de vida.

Do contrato passado consigo mesmo e os outros como ligações indispensáveis a um procedimento de pesquisa-formação

O procedimento de história de vida¹ que eu pratico há uns 20 anos² e que implica a produção de relatos de vida centrados na reconstrução da história da formação de alguém é uma abordagem que alterna tempos de trabalho individual e tempos de trabalho em grupo articulados a uma leitura de relatos com olhares cruzados. O dispositivo integra, portanto, a criação de ligações consigo mesmo e com os outros participantes. Esses laços visam favorecer o trabalho de reconstrução oral, depois escrita, da história de sua formação; um trabalho de análise e de interpretação da escuta e do diálogo; uma pesquisa de compreensão; uma confrontação das sensibilidades e das idéias; e finalmente das comparações entre relatos, épocas, gêneros, percursos culturais, origens sociais.

A importância do elo nesse procedimento é explicitamente salientada pela constituição de um contrato pelo qual os participantes definem os limites que pretendem estabelecer a fim de garantir uma confiança possível para facilitar a socialização de seus relatos e a reflexão comum sobre o conjunto dos relatos. Ligar-se conscientemente por meio de um contrato ético constitui, portanto, a condição prévia ao procedimento. Esse acordo consensual, entretanto, constitui igualmente uma primeira irrupção na reflexão sobre a maneira pela qual

1. A metodologia “história de vida” está apresentada na complexidade de seus desafios e de suas etapas nos capítulos V, VI, VII e VIII de meu livro *Experiências de vida e formação*.

2. Origem das fontes empíricas para esse texto: desde 1982, eu realizo, a cada ano, procedimentos ‘histórias de vida’ em grupo, na Suíça (na universidade com grupos culturalmente – do ponto de vista das nacionalidades – muito heterogêneos, ou fora da universidade, com grupos profissionais homogêneos. Eu também realizei procedimentos ‘histórias de vida’ em Portugal (com grupos socioculturais heterogêneos e um grupo profissionalmente homogêneo) e em Québec (com grupos socioculturais homogêneos). A maioria dos participantes desses grupos era composta de adultos entre 30 e 45 anos, em grande parte profissionais da formação, da educação, do serviço social e da saúde trabalhando em instituições estatais ou para estatais ou em empresas privadas.

criamos laços e remete, por isso, a uma *mise en abyme*³ aos elos criados, implícita ou explicitamente, ao longo de nossa vida.

Um outro aspecto da importância do elo nesse procedimento se expressa na negociação quase permanente que cada narrador tem consigo mesmo ao longo do processo de pesquisa-formação a fim de decidir o que ele deseja partilhar e o que ele prefere guardar consigo. Nesse trabalho interior de posicionamento que, por vezes, é dito no grupo em resposta às questões às quais o narrador não deseja responder, instaura-se um elo particular consigo mesmo que poderia ser chamado de *nó de cabestan*⁴ ou nó de atracação. Ao longo de nossa 'viagem', por ocasião dos procedimentos de história de vida e formação, escolhemos um porto de atracação momentânea e lá amarramos nosso barco no tempo dessa escala em que iremos visitar nosso passado tal como ele reemerge no contexto biográfico presente e tal como ele é alimentado pela partilha e pela reflexão intersubjetiva sobre os diferentes registros de nossa formação ao longo de nossa existência.

O nó de atracação deve ser feito de tal forma que, se houver tempestade ou tempo ruim, ele não se afrouxe, mas facilmente seja desatado quando chegar o momento da partida, ao fim do procedimento. Na última sessão, tenho por hábito realizar um pequeno ritual que consiste em levar uma corda com tantos nós quantos for o número dos participantes. Cada um de nós, na sua vez, corta um pedaço de tal forma que fiquemos com um pedaço da corda, incluindo um elo que simboliza o laço que criamos em nosso processo comum, e o resto da corda, livre de cada um dos lados, simboliza nossa liberdade de nos ligarmos ou religarmos aos outros, segundo nossa escolha.

A história de vida como revisitação dos elos que nos habitam: desatar nosso passado para nos atarmos com ele abrindo possibilidades

Revisitar sua história, juntamente com o que guia, no momento presente, esta retrospec-

tiva, para extrair dela o que pensamos ter contribuído para nos tornarmos o que somos, o que sabemos sobre nós mesmos e nosso ambiente humano e natural e tentar compreender melhor, é o primeiro desafio da pesquisa dos elos que nos deram forma.

Formas culturais dos elos biográficos

O inventário das formas de laços presentes dos relatos é impressionante e testemunha bem a centralidade da temática que eu evoquei no preâmbulo.

Os *laços de parentesco* são, indubitavelmente, os mais evocados nos relatos, quer sejam laços herdados por nascimento, quer sejam laços de aliança. Alguns estruturam a trama da narração, outros desaparecem ao longo do relato sem que isso signifique uma ruptura ou um parênteses momentâneo: simplesmente eles deixam de ser tão significativos do ponto de vista da formação. É um pouco como se tivessem cumprido um tempo. A força desses laços de parentesco se expressa nos *laços de lealdade e de fidelidade* que engendram e que se manifestam não apenas na preservação das relações mais ou menos ritualizadas, mas igualmente nas convicções adotadas. É preciso mencionar aqui o lugar bem particular que ocupam os avós na quase totalidade dos relatos. Mais ainda, é raro que uma avó ou um avô não tenham desempenhado um papel determinante na formação dos narradores.

Em alguns relatos, ainda que pouco numerosos, o autor se refere a *laços transgeracionais*: seja sob a forma de uma história familiar que pode remontar até a duas gerações, e excepcionalmente a três, ou sob a forma de fragmentos da história recente de um povo ou de um país, geralmen-

3. *Mise en abyme* é um conceito da semiologia que significa, na nossa prática, introduzir um relato no relato (trabalho de interpretação), o relato do relato (trabalho sobre o método de construção e de escrita do relato), relatos que se referem uns aos outros com um efeito de espelho.

4. Cabestan é cabrestante, mecanismo destinado a enrolar, em torno de um eixo vertical fixo em torno do qual gira um tambor, acionado por manivela, permite o controle de cabos ou fios longos. É muito semelhante ao mecanismo utilizado por algumas crianças para empinar pipa. (NT)

te maltratado. Vêm à minha memória relatos que evocam o Haiti, os genocídios dos judeus ou de Ruanda, a Segunda Guerra Mundial, os romanichels⁵ ou manouches, a Argélia, a revolução portuguesa, a guerra de Moçambique e de Angola, a tranqüila revolução do Quebec, a autonomia jurassiana⁶ na Suíça, o estatuto dos negros no Brasil etc. A raridade da evocação desses tipos de filiação faz refletir sobre a formação de uma consciência histórica transmitida tanto na escola quanto no meio familiar. Quando esses laços são evocados é porque eles tocaram diretamente o autor ou membros de sua família próxima.

Os *laços geracionais* são evocados por meio da escolaridade obrigatória e a que se segue a esse período, entretanto também podem existir mediante os laços de parentesco – os primos de diversos graus – e os elos de pertencimento a grupos de atividades (música, esporte, colônias de férias etc.). O reconhecimento dos laços geracionais se dá por meio da constatação de diferenças entre a fratria e os mais velhos. Associadas a esses últimos, encontramos com frequência inúmeras descrições de experiências que engendram *laços de apego* quer eles sejam de amizade ou de amor, *laços de afinidade e de interesses* e *laços de lealdade e de fidelidade*, sendo que todos os três exercem, por sua vez, forte impacto na formação das sensibilidades, das idéias, das crenças.

Entre os laços da idade adulta mais abordados nos relatos, descobrimos os *laços profissionais*. Eles ocupam um lugar privilegiado tão importante quanto os laços de parentesco e de aliança. Duas razões são invocadas: por um lado, o tempo passado no local de trabalho e os elos obrigatórios por meio dos quais esse tempo é tecido e que levam a múltiplas negociações e ajustes dessas ligações singulares e, por outro lado, os elos simbólicos que cada um mantém com a natureza da atividade profissional (lembremo-nos que a totalidade dos participantes de processos de histórias de vida que eu animei pertencem a profissões da educação – da formação de base ou contínua –, orientação, assistência social e saúde). Efetivamente a temática do elo está no coração das relações de

ajuda e acompanhamento desses profissionais. Eles são particularmente sensíveis a ela.

Entre os *laços simbólicos* representados nos relatos de formação, encontramos, como eu acabo de assinalar, os ideais profissionais. Porém, é freqüente a evocação de pessoas de referência (anônimas ou midiáticas) que, por seu engajamento na vida ou sua atitude face às dificuldades da vida, são exemplos que guiam o narrador durante toda ou parte de sua existência. Esses laços simbólicos podem também tomar a forma de uma adesão a idéias ou a práticas privilegiadas, a apegos a um país distante ou a um tipo de paisagem, de texto literário, de música, de filme. Os laços tornam-se então simbólicos de sentido. E por fim, muitos relatos evocam *laços religiosos ou espirituais* que unem narradores à dimensão mais misteriosa de nossa presença no mundo, alimentam uma vida interior em relação com a própria existência da humanidade, inspiram sua forma de se posicionar nos mil e um avatares da vida relacional cotidiana e nas escolhas que balizam seu itinerário.

Tipos de laços para descrever e compreender os processos de formação e de conhecimento

Falar das formas de laços biográficos não basta para dizer sobre a maneira como eles são ‘atados’. Por meio da apresentação dos laços necessários ao desenrolar do procedimento de história de vida que toma a forma de contrato negociado, eu introduzi o *nó de cabestan* como nó de atracação que simboliza essa forma de amarração particular deste ou desta que sabe que, no tempo certo, precisará deixar a escala escolhida. Trata-se, então, de dar

5. Romanichels ou mamouches são um povo nômade originário da Europa: algumas famílias migraram para a Europa Ocidental, tentando manter-se nômades apesar de tentativas de forçá-los à sedentarização por meio do controle de seus filhos na escola obrigatória.

6. A Suíça é uma confederação de cantões e o Jura obteve seu estatuto de cantão ao se separar do de Berna no qual havia sido anexado porque uma parte de sua população falava o dialeto suíço-alemão, de Berna, enquanto a maioria falava o francês.

as pistas de leitura para os três outros tipos de laços que correspondem às maneiras possíveis de viver as relações nas formas que acabaram de ser inventariadas, de criar a ligação – religar, religar-se ou desfazê-la –, desligar, desligar-se.

O *nó górdio* é, sem dúvida, o mais presente em todos os relatos. Ele diz respeito a todos esses laços que, queiramos ou não, não podem ser ‘desatados’ para falar francamente. Entre eles, encontramos os laços familiares, mas também todos esses laços afetivos que, muitas vezes, foram tecidos sem nosso conhecimento com pessoas que estiveram a nosso lado por muito tempo, ou que tenham ‘cativado’ algo em nós ou ainda que nos tenham ajudado (um personagem de romance ou uma personalidade midiática, um ancestral longínquo, uma pessoa encontrada em certa ocasião). Nessa perspectiva, há toda uma pesquisa a ser feita sobre os laços particulares que mantemos com os avós e, de forma mais ampla, com os mais velhos, pois em todos os relatos há uma figura feminina ou masculina que ocupa um lugar muito particular na maneira como o narrador vai se ligar à vida e à sua vida. Muitas experiências psicanalíticas mencionadas nos relatos permitiram a seus iniciadores tomarem consciência desses nós górdios com os quais eles devem viver por não poder ou não saber desatá-los.

Encontramos às vezes o *nó coulant* ou *nó do enforcado* que evoca os elos que apresentaram alguns perigos a nossos próprios olhos ou ao de nossos próximos. Essas relações que nos distanciam de nós mesmos – por um tempo mais ou menos longo, com as quais aprendemos nosso caminho – poderia se perder em um impasse ou levar a uma escarpa. Entretanto, além das relações com as pessoas, nós também podemos ter estado, a médio ou longo prazo, às voltas com substâncias de efeitos nocivos.

O *nó esquerdo*⁷ representa todas as relações que não se mantiveram ao longo dos anos, qualquer que tenha sido sua intensidade, mas também todas as ‘loucuras’, como se diz no sul da França, ou seja, esses entusiasmos

diversos que nos surpreendem, às vezes, quando nos chegamos a ‘ver’ retrospectivamente ou por meio do distanciamento.

Finalmente os *nós de espia* evocam relações *relativamente* equilibradas. Esse nó reúne duas cordas entrelaçando-as com perfeita simetria e “não fica muito apertado, mesmo quando está molhado”; esse entrelaçar, Berthier (1974) qualifica como “belo, eficaz, mas pouco utilizado”, o que simboliza bem a raridade desses equilíbrios relacionais.

O trabalho biográfico não consiste somente em fazer reemergir essas lembranças pertinentes à vista do questionamento que orienta esse trabalho. Uma vez que a perspectiva biográfica com a qual eu trabalho abraça a história de uma vida, é preciso chegar a um momento charneira de reconstrução de quem faz história no percurso de vida relatado. É o momento em que se trata de compreender como essa história articula-se como um processo – o processo de formação – que pode ser apreendido mediante as lições das lembranças que articulam o presente ao passado e ao futuro. Será o estabelecimento dessa perspectiva temporal que permitirá nomear os ‘argumentos’ da história. Nessa fase do trabalho biográfico centrado na compreensão e na interpretação dos relatos com olhares cruzados, novos tipos de laços aparecerão.

Inicialmente, utilizaremos os *nós diretos*⁸ que servem para ligarmos os acontecimentos ou situações *provisoriamente*. Eles dizem respeito a interpretações que fazem sentido no momento, mas que exigem amadurecimento para assegurar que não se devem apenas a um efeito de contágio do grupo.

Depois utilizaremos os *nós de pescador* porque eles simbolizam o fato de ligar os momentos, as situações de nossa existência pertencentes a um mesmo período ou distantes no tempo que apresentam semelhanças suficientes para falarmos de recorrências.

7. *Nó de esquerdo* é o nó comum quando é mal amarrado: segura mal e é difícil de ser desfeito. N. T.

8. *Nó direito*: aqueles que fazemos para fechar um pacote e que se desfazem com facilidade. N. T.

Finalmente, buscamos fazer falças⁹ unindo estais pelo fato de representarem esse aspecto da reflexão biográfica que leva a reunir muitos fios que se revelaram significativos do ponto de vista da nossa formação e transformação, e que nos permitem ver mais claro os desafios de nossa existência.

Os laços fundadores: sustento e dependência

O trabalho de reconstrução de nossa história, tanto no relato oral quanto no relato escrito, provoca o aparecimento de um certo número de *nós invisíveis*, mas nem todos! O processo é pôr-se a caminho, nessa busca de compreensão de si, de componentes de nossa história, de tomadas de consciência do que nos move, nos interessa, nos guia, nos atrai. É o trabalho biográfico propriamente dito que estabelece uma consciência e uma presença a si muito desenvolvidas que permitirão, talvez, continuar a viagem (após o processo) um pouco melhor equipado para 'ver' a tempo os cruzamentos do caminho, as oportunidades, os desafios imperdíveis.

Nessa história de elos, há como em toda história os bons e maus elos..., que não são bons nem maus em absoluto, evidentemente, mas que são tidos como tais para nós. Efetivamente o que liga é, ao mesmo tempo, enriquecedor e ameaçador. Uma riqueza no sentido de que a trama de fios que nos religam constitui, com o passar do tempo, uma espécie de rede protetora como a dos acrobatas. Porém, ao mesmo tempo (e esse é o limite das imagens, ainda que sejam fecundas), ser preso nas malhas dessa rede pode tornar-se muito perigoso para nossa própria sobrevivência, dependendo de onde, como e quando essa rede opera.

Enquanto os nós de nossa história tornam-se conscientes, criamos um saber existencial e um espaço físico que podem nos ajudar a realizar o que é necessário para *desatar* os laços que entravam nosso caminhar, criando outros laços para isso. Desse modo, o obstácu-

lo torna-se trampolim da conquista do ser, como diria K. Graf. Dürkheim (1983). Pode tratar-se de laços concretos, com uma ou mais pessoas, mas pode também se tratar de laços mais sutis com idéias, teorias, valores, complexos psíquicos que se manifestam por meio de tendências de fazer, reagir ou agir, pensar, comportar-se de uma maneira previsível para os outros, às vezes para nosso grande espanto (Castañeda, 1973)

Os *nós górdios* me parecem ser um bom exemplo, sem ser o único, do que significam o sustento e a dependência de um lado e laços fundadores de outro. Nós estamos na vida porque existimos mediante uma multiplicidade de laços simples ou complexos. Esses laços são o nosso fundamento e, como tal, eles nos sustentam e, nesse mesmo instante, somos dependentes deles. Pode ser que um dos desafios da vida seja ser capaz, tal qual Penélope, de nos desligar e nos religar de forma criativa e tão autêntica quanto possível para desfrutar nossos frágeis e raros espaços de liberdade... Ainda que nossa vida esteja presa por um fio não significa que sejamos obrigados a aceitar qualquer fio nas patas...

Aliás, vinte anos de experiência de pesquisa-formação mostram que esse trabalho de des-ligamento e de re-ligamento oferecido nos procedimentos de histórias de vida em grupo engendram, ao mesmo tempo, um espaço-tempo de liberdade nas vidas dos narradores e os convoca a fazer uso de sua criatividade para habitar diferentemente sua existência.

Estar na vida, estar em ligação... ou as dimensões do nosso ser-no-mundo

No preâmbulo, eu constatei que não poderia haver vida sem uma multiplicidade de elos bio-psico-sociais. Nessa parte, eu gostaria de propor uma primeira abordagem das dimen-

⁹ Falças são formas de ligar fios evitando que suas pontas se esgarcem. No original francês, o termo é *noeud de hauban*. Hauban, em português, são os estais: os cabos que sustentam o mastro. N. T.

sões de nosso ser-no-mundo que caracterizam esses elos. Esse conceito de ‘dimensões de nosso ser-no-mundo’ é o mais recente dos meus trabalhos de pesquisa. Sua construção mostrou-se necessária quando organizamos, em maio de 2000 em Crêt-Bérard, um simpósio sobre o sensível nas histórias de vida. Para mim, não era possível avançar na concepção desse encontro sem me perguntar sobre o que os relatos trabalhados até então nos ensinavam sobre o conjunto das dimensões articuladas do sensível. A partir disso, eu pude reutilizar essa primeira formalização e me parece que o conceito é pertinente no contexto das pistas a explorar mais em detalhe, no futuro, sobre a temática do elo.

Eis o esquema que representa o estado atual de minha reflexão:

	Ser de sensibilidades	
Ser de ação		Ser de emoções
	Ser de carne e Ser de atenção consciente	
Ser de imaginação		Ser de afetividade
	Ser de cognição e de memória	

No centro, encontram-se duas dimensões *sine qua non* de nosso ser-no-mundo. O *ser de carne* é, ao mesmo tempo, o ‘habitação’, o suporte, a base, a condição da manifestação das sete outras características. Por isso, toda ‘má formação’ desse ser engendra *handicaps* mais ou menos profundos no pleno desenvolvimento de suas características. Por meio dele, nós estamos em ligação com as dimensões químicas e físicas de nosso universo, mais ainda: nós somos parte integrante deste. Nós somos também, por pertencimento ao reino animal, parte de e em ligação com o ecossistema terrestre. Apesar de nossa consciência ecológica estar apenas balbuciando, no Ocidente, começamos a estar conscientes dos laços que existem entre as atividades humanas que desconsideram seu impacto a curto, médio e longo prazo e seus estragos sobre o ambiente natural e nossa saúde. Inversamente, as modificações climáticas, quer sejam ou não

consequência das atividades econômicas superdimensionadas, fragilizam nossa condição de vida e, em certos cantos de nosso planeta, nossa sobrevivência. Esse ser de carne está presente nos relatos sob diferentes formas: a saúde e a doença, a maternidade e a paternidade, a filiação, o aspecto físico apreciado ou lamentado, a sexualidade, a alimentação, o movimento mediante as diferentes disciplinas esportivas ou abordagens corporais, a fadiga etc.

O *ser de atenção consciente* é a segunda dimensão indispensável ao nosso ser-no-mundo como vir a ser. Sem essa dimensão, nenhum desenvolvimento é possível, nenhuma percepção de si é possível e, portanto, nenhuma possibilidade de construção de um conhecimento de si. A qualidade dessa atenção consciente resulta de um trabalho, de uma vontade, de uma disciplina. Cada cultura oferece seus caminhos para perfazê-lo e ajuda cada ser a otimizá-la no curso de sua existência. É preciso dizer que as desatenções, qualquer que seja o ambiente cultural e natural no qual nos vivemos, tornam-se rapidamente um perigo para nossa sobrevivência. O ‘preste atenção a...’ com o qual pontuamos a educação de nossas crianças testemunha sua importância vital. Ela está associada a nossa capacidade de retenção das milhares e milhares de informações que recebemos ao longo de uma vida e, portanto, à possibilidade de aprender ao longo de nossa existência, relacionando algumas dessas informações. Se você pensar, ao procurar desesperadamente suas chaves do carro, que você infelizmente ‘esqueceu’ onde as havia posto, corre o risco de passar por isso muitas vezes ainda e talvez até cada vez mais. Se constatar, porém, que no momento em que as depositou não estava presente no local nem no gesto que fez, você terá uma chance de controlar esse tipo de situação ao tomar consciência que não houve esquecimento, mas que você estava ausente. Por intermédio desse exemplo, simples e vivido por cada um de nós, eu desejo pôr em evidência a importância da atenção consciente como presença a si mesmo no aqui e agora. Ser presente a si mesmo no tempo do que é vivido constitui um trunfo suplementar,

não apenas para aprender, mas também para guardar uma pista que poderemos solicitar na época de fazer um balanço, um questionamento, uma reflexão, uma escuta do que emerge em nós. O *ser de atenção consciente* está, assim, no coração de nosso ser-no-mundo e de nossa capacidade de fazer ligações. Ele faz ‘corpo’, ousa dizer, com nosso ser de carne.

O *ser de sensibilidades* é o que se apresenta como o mais próximo do ser de carne. Por meio dele, exprime-se todos os laços ‘agradáveis’ e ‘desagradáveis’ que vivemos no cotidiano em ligação direta com as sensações corporais que se exprimem em todas nossas atividades conosco e com os outros. É pela mediação de nossos cinco sentidos que nos apreendemos, primeiramente, nós mesmos, depois os outros e nosso ambiente humano e natural. Porém, cada um desses sentidos está associado ou não a uma intencionalidade: é assim que nosso odor, nosso gosto, nosso toque, nossa escuta, nossa vista podem estar em atividade sem que prestemos atenção às informações que eles nos transmitem. Eu penso aqui no belo conselho do escritor Saramago (1995) “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”. O *ser de atenção consciente* entra aqui em cena. Sem essa atenção consciente mobilizada pela intencionalidade (o desejo de... como uma das manifestações do *ser de afetividade*), nós ficamos em perigo ou incapazes de desenvolver uma escuta e um conhecimento de nós mesmos, dos outros, de nosso ambiente humano e natural. Graças a essa atenção consciente orientada por nossa intencionalidade, nós podemos estar em contato com os impactos de nossos sentidos sobre nosso ser de carne e, evidentemente, sobre os efeitos em cadeia que eles provocam em termos de emoção, de imaginação, de cognição e de ação. No trabalho biográfico, antes mesmo de abordarmos as idéias que estruturam nossa compreensão de nós mesmos, dos outros, dos acontecimentos que temos que viver, é preciso pôr em evidência as sensibilidades subjacentes aos nossos julgamentos e nossas reações.

O *ser de emoções* está diretamente ligado ao ser de sensibilidades, em estado de vigília bem entendido, mas ele também é mobilizado pelos impactos do ser de afetividade, do ser cognitivo e do ser de imaginação. A inscrição corporal das emoções não impede que ele encontre suas origens em dimensões menos carnis. Certamente nosso limite de sensibilidade ao barulho engendra a irritação, talvez até a cólera, assim como uma refeição de nosso gosto engendra prazer, talvez até alegria, mas podemos também ficar irritados com idéias tristes em constatar a negação de alguns de nossos valores, felizes ao sermos bem sucedidos na trilha de uma montanha ou por termos passado um belo dia no mar, encolerizados por ver uma paisagem que amamos ser estragada por um complexo turístico, encantados com uma peça de teatro, um concerto ou uma exposição, decepcionados com o resultado de um concurso qualquer etc. Quem não constatou, aliás, o caráter quase sempre ‘contagioso’ das emoções que engendram reações simétricas, fontes de inúmeras dificuldades relacionais.

O *ser de afetividade* nos faz entrar no universo dos laços construídos, mantidos ou rompidos no círculo de valorizações que interiorizamos não conscientemente ou que escolhemos após uma reflexão. Ele pode tomar diferentes formas: o ser de apegos, o ser desejante, o ser dos ideais, o ser dos compromettimentos, o ser dos sentimentos. Ousaria dizer que a tonalidade dos relatos é, em geral, dada por esse ser de afetividade combinado com o ser das emoções. Contudo, o ser de afetividade está associado também e, intimamente, ao *ser de cognição e de memória*. Efetivamente, qualquer valorização implica uma capacidade de classificação, de comparação, de raciocínio sobre as vantagens e os inconvenientes, de contextualização etc. Tanto quanto o ser de emoções, o ser de afetividade engendra efeitos mais ou menos apreciados sobre nosso ser de carne. A medicina psicossomática é uma maneira de reconhecer, entre outras, esses impactos recíprocos que, apesar das interpreta-

ções mais ou menos satisfatórias, permanecem bem difíceis de serem identificadas com precisão.

O *ser de cognição e de memória* nos leva a abordar outras formas de ligação. Mediante a aquisição da linguagem e dos diversos conhecimentos das ciências do humano e da natureza, penetramos em uma 'gramática' dos laços possíveis ou impossíveis no contexto de uma epistemologia quer seja de uma disciplina do pensamento e da ação quer seja de uma lógica cultural organizada a partir de uma visão do mundo. Por esse motivo, chamamos a atenção dos participantes [no simpósio] para nossos procedimentos de história de vida sobre a necessária consideração de que todo relato é, por definição, interpretativo e que uma grande parte de nosso trabalho de análise consistirá em desvelar as pré-interpretações contidas nas 'descrições dos fatos' da vida de alguém. O ser de cognição é, bem entendido, totalmente solicitado em um procedimento que visa analisar, compreender e interpretar os processos de formação e de conhecimento que estão operando na vida relatada. Ele é convocado, assim, a criar laços lá onde eles ainda não existiam, a desatar acontecimentos 'bem amarrados' em interpretações estacionadas no passado mais ou menos distante, a buscar fios condutores. A escritura do relato e o trabalho sobre os relatos põem em evidência, no mesmo movimento, os recursos do ser de cognição e as origens desses recursos. É importante notar que nos relatos o ser de cognição não se manifesta exclusivamente sob a forma de um ser 'racional' no sentido científico do termo. Os referenciais utilizados para alimentar o conhecimento de si, dos outros e do ambiente humano e natural sorvem em todas as formas de tradições de conhecimentos entre as quais, um bom número ainda que isso faça alguns sorrirem, são fontes que fazem sentido para os narradores.

O trabalho biográfico não tem que julgar o valor do sentido construído, introduzindo uma hierarquia entre o sentido fundado sobre laços estabelecidos entre as teorias socialmente validadas e as realidades levadas em

consideração, ambas fundadas sobre as simbolizações poéticas nascidas no *ser de imaginação* (a teoria como ficção).

Com a conjunção que acaba de ser feita entre cognição e imaginação, eis-nos, portanto, evocando o ser de imaginação e as formas de laços que são mais especificamente ligadas a ele. Inúmeros relatos abordam a importância das obras artísticas, realidades imaginárias e, portanto, bem concretas, como alimentos para a vida interior, fontes de referências para simbolizar situações, acontecimentos que permaneciam sem menção, descobertas de outros universos possíveis. Uma pesquisa e uma construção de laços que possam também permitir outros olhares sobre si, poder descobrir para si outras potencialidades, sentir-se reatado na sua humanidade a seres desconhecidos que são portadores de sensibilidades idênticas ou vizinhas ou totalmente 'estrangeiras', utilizar essas/suas produções artísticas como mediação para falar de si, de sua visão do mundo etc. Enfim, esse ser de imaginação se manifesta em sonhos e em projetos que demarcaram a existência ou que permitem formular outros sonhos e projetos. Por meio dessas duas últimas formas, estamos já articulando o ser de imaginação ao *ser de ação*, já que não pode haver ação sem um mínimo de antecipação.

O ser de ação é, sem dúvida, a dimensão de nosso ser-no-mundo que permite 'ver' com mais evidência as formas dos laços que ele estabelece. A inscrição necessariamente material da ação mostra com evidência que a ação só é pensável na interação social, quer seja por meio de outras pessoas implicadas pela ação em si-mesma, quer seja pela mobilização de meios técnicos, objetos e materiais diversos, quer seja nos laços criados consigo mesmo para mobilizar os recursos internos, a energia, a coragem, a vontade. O ser de ação combina, mobiliza, estabelece todas as outras dimensões do ser para conduzir seu movimento, seu deslocamento, sua transformação desejada, de tal modo que esse movimento, esse deslocamento, essa transformação sejam seu melhor resultado possível.

Abertura

As figuras de ligação propostas nesse artigo são um primeiro inventário de uma temática que eu considero central e fundadora de um trabalho com as histórias de vida. Em um mundo tão sofredor de laços impossíveis, rompidos, recusados, traídos, maltratados, entre os seres e os povos, eu só posso enunciar uma esperança e uma convicção. Minha esperança é que os procedimentos histórias de vida se multipliquem afim de que todos aqueles e aquelas que os utilizam e os vivem possam encontrar, por meio dessa forma particular um novo laço social, um caminho de humanidade partilhada. *Minha convicção é que os procedimentos, conduzidos com essa intencionalidade, alimentarão pouco a pouco uma outra maneira de nos religarmos a*

nós mesmos e aos outros em uma partilha respeitosa de nossas singularidades, em um diálogo intenso porque tocam as questões essenciais da existência, na interpelação recíproca de nossos a priori, de nossos pressupostos, de nossos preconceitos. Em um mundo tão conflituoso, mas também em um mundo onde a mestiçagem cultural tornou-se uma exigência incontornável, se não criarmos mil e uma maneiras, mil e um lugares onde contar e trabalhar a história de nossos laços, não sei como poderemos reinventar os laços indispensáveis a nossa sobrevivência individual e coletiva.

Sim, desligarmo-nos do que nos fecha sobre nós mesmos e no nosso pequeno mundo, sim, religarmo-nos ao melhor de nós mesmos e dos outros para inventar novas ligações possíveis que relatarão... outras histórias de vida.

Referências bibliográficas

- BERTHIER, M. P. G. **L'art des nœuds**. Paris: Gallimard. Collection Voiles. 1974.
- CASTAÑEDA, C. **Les enseignements d'un sorcier yaqui**. Paris: Gallimard. 1973.
- DÜRKHEIM, K. G. **La percée de l'être**. Paris: Le Courrier du Livre. 1983.
- JOSSO, C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez. 2004.
- _____. **La formation au coeur des récits de vie**: expériences et savoirs universitaires. Paris: L'Harmattan. 2000.
- SARAMAGO, J. **Ensaio sobre a cegueira**. Porto: Caminho. 1995.

Recebido em 22.02.06

Aprovado em 22.05.06

Marie-Christine Josso é professora da Universidade de Genebra. Licenciada em Sociologia, Antropologia cultural e doutora em Ciências da Educação, desenvolve desde os anos 1980 pesquisas sobre os processos de conhecimento a partir de materiais biográficos, em co-interpretação com os autores dos relatos escritos construídos segundo uma metodologia específica. Tem livros e artigos publicados, em várias línguas, sobre essa linha de investigação.